

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GUSTAVO RAYAN ARAÚJO LEMOS

**EXPLORANDO O VÍNCULO TRANSFERENCIAL NA PRÁTICA ANALÍTICA NA
CLÍNICA ESCOLA**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

GUSTAVO RAYAN ARAÚJO LEMOS

**EXPLORANDO O VÍNCULO TRANSFERENCIAL NA PRÁTICA ANALÍTICA NA
CLÍNICA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Raul Max Lucas da Costa

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

GUSTAVO RAYAN ARAÚJO LEMOS

**EXPLORANDO O VÍNCULO TRANSFERENCIAL NA PRÁTICA ANALÍTICA NA
CLÍNICA ESCOLA**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. RAUL MAX LUCAS DA COSTA

Membro: Prof. Me. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JÚNIOR

Membro: Prof. Me. INDIRA FEITOSA SIEBRA DE HOLANDA

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

EXPLORANDO O VÍNCULO TRANSFERENCIAL NA PRÁTICA ANALÍTICA NA CLÍNICA ESCOLA

Gustavo Rayan Araújo Lemos¹
Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

“No começo da psicanálise é a transferência” (Lacan, 1967/2003). Assim dá-se início a esse trabalho intitulado “Explorando o Vínculo Transferencial na Prática Analítica na Clínica Escola”. A partir desse tema, busca-se explorar como o vínculo transferencial surge e se estabelece, de que forma ele pode influenciar o processo terapêutico no contexto da prática na clínica escola. O estudo dessa temática é de grande importância para a psicologia, em especial para a psicanálise, visto que a transferência sustenta a análise, podendo interferir no andamento e nos resultados do tratamento, portanto se faz necessário compreender seu manejo, na prática na clínica escola. O objetivo deste trabalho é explorar a importância do vínculo transferencial na relação analítica, bem como descrever como ele se manifesta na prática na clínica escola, tendo como método a revisão narrativa, de abordagem exploratória, descritiva e qualitativa. A revisão narrativa permite uma compilação abrangente de conhecimentos teóricos e práticos existentes sobre o tema. A descrição detalhada do vínculo transferencial será realizada com base em informações provenientes de livros especializados disponíveis em bibliotecas acadêmicas locais, revistas científicas e artigos disponíveis em plataformas digitais como Google Acadêmico e SCIELO (Scientific Eletronic Library Online), garantindo uma base sólida de referências acadêmicas.

Palavras-chave: “Amor”; “Transferência”; “Psicanálise”; “Estágio”; “Clínica-Escola”

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: Gustavo_rayan@hotmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: raulmax@leaosampaio.com

ABSTRACT

Introduction: "The beginning of psychoanalysis is transference" (Lacan, 1967/2003). This is the beginning of this work entitled "Exploring the Transferential Bond in Analytical Practice at the School Clinic". Based on this theme, the aim is to explore how the transferential bond arises and is established, and how it can influence the therapeutic process in the context of practice at the school clinic. The study of this theme is of great importance to psychology, especially psychoanalysis, since transference underpins analysis and can interfere with the progress and results of treatment, so it is necessary to understand how it is managed in the practice of the school clinic. This work aims to explore the importance of the transference bond in the analytical relationship, as well as to describe how it manifests itself in the practice of the school clinic, using a narrative review method with an exploratory, descriptive and qualitative approach. The narrative review allows for a comprehensive compilation of existing theoretical and practical knowledge on the subject. The detailed description of the transferential bond will be based on information from specialized books available in local academic libraries, scientific journals and articles available on digital platforms such as Google Scholar and SCIELO (Scientific Electronic Library Online), ensuring a solid base of academic references.

Keywords: "Love"; "Transference"; "Psychoanalysis"; "Internship"; "School Clinic"

1. INTRODUÇÃO

“No começo da psicanálise é a transferência [...] O sujeito suposto saber é, para nós, o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece com a transferência.” (Lacan, 1967/2003). Assim dá-se início a esse trabalho intitulado “Explorando o Vínculo Transferencial na Prática Analítica na Clínica Escola”. O estudo dessa temática é de grande importância para a psicologia, em especial para a psicanálise, visto que a transferência é considerada um dos principais fenômenos que ocorrem durante a análise e que pode interferir no andamento e nos resultados do tratamento.

O objetivo desta pesquisa é investigar como o vínculo transferencial surge, como pode afetar a relação entre analista e analisando, bem como compreender como ele pode ser utilizado como uma ferramenta terapêutica. Além disso, pretende-se identificar como o analista pode lidar com os desafios apresentados pelo vínculo transferencial para que ele possa ser trabalhado de maneira produtiva durante o processo analítico.

A relevância deste tema reside no fato de que o vínculo transferencial é um fenômeno complexo e muitas vezes desafiador para os profissionais da psicologia que praticam a psicanálise e também para os estagiários de psicologia. Compreender como ele funciona e como pode ser utilizado de forma positiva pode contribuir significativamente para o sucesso do tratamento e para a saúde mental dos pacientes. Além disso, este estudo pode fornecer informações úteis para os profissionais da psicologia em geral, uma vez que o vínculo transferencial é um fenômeno que ocorre em outras formas de terapia, além da psicanálise.

O problema central desta pesquisa envolve a transferência em contextos institucionais e se concentra na indagação de como a transferência se manifesta em um ambiente clínico escolar. Essa abordagem visa ampliar a compreensão da transferência, explorando suas nuances específicas em contextos institucionais, como a clínica escolar, e oferecendo insights importantes para profissionais que lidam com análises nesse ambiente específico.

No decorrer deste estudo, será abordado diferentes aspectos relacionados à transferência em contextos institucionais, incluindo a metodologia empregada, a gênese da transferência desde o amor até sua manifestação na relação analítica, a dinâmica específica dessa relação no ambiente clínico escolar, e, por fim, as considerações finais que sintetizam todo resultado desse extenso trabalho.

2. METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso visa explorar a relevância do laço transferencial na dinâmica da relação analítica e também descrever sua manifestação na prática da clínica escola. Para alcançar esse objetivo, optou-se por uma abordagem metodológica baseada em uma revisão narrativa, de abordagem exploratória, descritiva e qualitativa. A revisão narrativa permite uma compilação abrangente de conhecimentos teóricos e práticos existentes sobre o tema, enquanto a abordagem exploratória possibilita a investigação de diferentes perspectivas e o exame de dados disponíveis. Quanto à abordagem do problema, se classifica como qualitativa, pois pretende analisar a complexidade da relação analítica e do vínculo transferencial, buscando compreender o significado e a importância desses aspectos para o processo terapêutico. A descrição detalhada do vínculo transferencial será realizada com base em informações provenientes de livros especializados disponíveis em bibliotecas acadêmicas locais, revistas científicas e artigos disponíveis em plataformas digitais como Google Acadêmico e SCIELO (Scientific Electronic Library Online), garantindo uma base sólida de referências acadêmicas. Os descritores utilizados são: “Amor”; “Transferência”; “Psicanálise”; “Estágio”; “Clínica-Escola”

3. A GÊNESE: DO AMOR À TRANSFERÊNCIA

"No começo, era o Verbo" (João 1:1) disse o apóstolo João quanto a gênese do mundo, mas ao aplicar o verbo “ser”, ele aponta diretamente para o fato de que antes de o mundo existir o Verbo já “era”. Ele não teve um começo, mas Ele sempre foi, tal qual o amor. Lacan posteriormente retorna a ideia desse versículo quando revela a gênese da transferência: "No começo, era o amor" (Lacan, 1960/2010), que posteriormente se desdobra na afirmação que introduz esse trabalho: “No começo da psicanálise é a transferência” (Lacan, 1967/2003).

Na obra "Estudos sobre Histeria", Freud (1893-95/1977) cita o emblemático caso Anna O. onde evidencia pela primeira vez o processo transferencial. Anna projetou intensos sentimentos não resolvidos em relação à figura paterna em seu terapeuta, Breuer. A transferência, para Freud, é a expressão do amor redirecionado para o analista, revelando padrões emocionais passados e proporcionando uma

janela para o inconsciente do paciente. Esse relato ilustra a complexa interconexão entre amor e transferência na dinâmica analítica.

Na obra "Totem e Tabu", Freud (1913/1990), defende a ideia de que a ambivalência, marcada por sentimentos mistos de ternura e hostilidade, é inerente aos primeiros laços entre sujeito e objeto. Freud argumenta que tanto o amor quanto o ódio coexistem na relação com o mesmo objeto de afeto. O ódio não apenas acompanha o amor, mas também desempenha um papel crucial na identificação e na formação do sujeito. Ele argumenta que o ódio é uma parte fundamental das bases que estabelecem não apenas o funcionamento da mente, mas também as normas que regem as relações socioculturais.

Já no livro "O Mal-estar na Civilização" de Freud (1930/1996), ele explora a origem do amor na sociedade e como as relações entre homens e mulheres evoluíram de uma estrutura poligâmica para a monogamia. Freud argumenta que o amor não é inato nem pré-determinado na natureza humana, mas sim uma construção que se desenvolveu ao longo de séculos.

De acordo com Lacan (apud Ferreira, 2004), o amor tem suas raízes no momento em que o indivíduo se depara com a ausência na esfera da sexualidade. Allouch (2010), retomando a ideia de Lacan, argumenta que, em sua fase inicial, o amor é uma paixão que se entrelaça com o ódio e a ignorância, formando assim um conjunto de três paixões fundamentais do ser humano. Pelos escritos de Zalcberg (2007), Lacan baseia sua concepção de amor transferencial na obra "Banquete" de Platão, onde ele extrai a ideia de agalma, aquele objeto valioso que se busca encontrar no sujeito amado. É assim que Lacan fundamenta o amor, a partir da falta. Ou seja, enquanto Freud (1930/1996) argumenta que o amor teve suas raízes nas antigas comunidades humanas, onde os homens procuravam manter seus objetos sexuais próximos e as mulheres se esforçavam para não se afastar de suas proles, Lacan, ainda de acordo com Ferreira (2004), postula que o amor surge como uma forma de compensar a inexistência da relação sexual.

Ferreira (2004), diz ainda que Lacan faz uma distinção importante quando se trata do conceito de amor, identificando duas formas distintas: o amor como paixão imaginativa e o amor simbólico. No amor como paixão imaginativa, o sujeito se volta para o outro como um objeto em busca de plenitude, surgindo dessa maneira uma ligação ao narcisismo (onde a pessoa ama para ser amada). Nessa perspectiva, a paixão representa a transferência do desejo para o objeto. Por contraste, o amor

simbólico se concentra naquilo que o objeto carece, tentando confrontar a realidade da ausência. Lacan (apud Jorge, 2008, p. 146) argumenta que o ato de amar envolve o desejo de ser amado, já que pressupõe uma busca por reciprocidade.

Na perspectiva da Psicanálise, o amor está intrinsecamente ligado ao desejo, e esse desejo, por sua vez, surge da ausência, uma vez que não buscamos o que já possuímos, mas sim aquilo que nos falta. Segundo Lacan (1998), o desejo, na verdade, é o desejo do Outro. O sujeito se forma a partir do desejo do outro, e é por isso que é crucial compreender de forma concisa as operações de separação e alienação, pois sem desejo, não há sujeito. Lacan diferencia o desejo da necessidade, que está ligada às funções fisiológicas, ao inseri-lo no campo simbólico. Ao adentrar esse domínio, o desejo se distancia da necessidade e assume uma forma de demanda, expressa através da linguagem e dos significantes do Outro, na busca pelo reconhecimento e amor. No entanto, ao longo desse processo, algo se perde irremediavelmente, e o que se perde nunca pode ser recuperado. Na situação analítica podemos perceber as vicissitudes do amor em dois elementos: a transferência e a demanda.

Segundo Lacan (apud Allouch, 2010), ele argumenta que toda demanda é uma demanda de amor. O amor se manifesta de alguma forma em cada demanda. A essência da demanda é, de fato, a mesma que o amor expressa: que o outro lhe entregue o ser. No entanto, quando discutimos a demanda, inevitavelmente nos deparamos com a questão do desejo, pois é por meio da demanda que o desejo se torna presente. Entretanto, enquanto a demanda pode ser expressa verbalmente, referido como apelo por Quinet (2007), o desejo, como Lacan (1998) afirma, compreende o que está ausente na fala, o que não pode ser completamente articulado.

4. A RELAÇÃO ANALÍTICA

Para entender o Vínculo Transferencial, é preciso antes entender a relação analítica. Esse é um dos conceitos fundamentais na abordagem psicanalítica, desempenhando um papel central no processo terapêutico. Diversos autores contribuíram com suas teorias para compreender e descrever essa relação complexa e especial entre terapeuta e cliente.

Segundo Freud (1912/2013), a relação analítica é caracterizada pela transferência, na qual o cliente projeta sentimentos e fantasias inconscientes em relação ao terapeuta, revivendo experiências passadas. Freud (1912/2013) afirma que "a transferência é a pedra angular do edifício analítico" (p. 134). Esse fenômeno transferencial permite ao terapeuta acessar e explorar as dinâmicas psíquicas profundas do cliente.

Outro autor importante na compreensão da relação analítica é Winnicott (1965/2019), que destaca a importância do setting terapêutico como base para essa relação. Segundo Winnicott (1965/2019), é fundamental que o terapeuta crie um ambiente seguro e confiável, no qual o analisante possa se sentir à vontade para expressar seus pensamentos e emoções mais íntimos. Para ele, o terapeuta deve fornecer um "ambiente suficientemente bom" que permita o crescimento emocional do cliente (Winnicott, 1965/2019, p. 15).

A postura do terapeuta também desempenha um papel relevante na relação analítica. Ferenczi (1933/2011) enfatiza a importância da neutralidade do terapeuta, abster-se de influências pessoais e adotar uma postura imparcial. Ele afirma que o terapeuta deve se apresentar ao cliente como uma "folha de papel em branco, sem preconceitos, sem intenções ocultas" (Ferenczi, 1933/2011, p. 82).

A etapa das entrevistas preliminares desempenha um papel fundamental no início do processo psicanalítico e do surgimento do vínculo transferencial, fornecendo ao terapeuta informações cruciais para compreender a história, os problemas e as necessidades do cliente e permitindo que ali surja este vínculo acima citado. Diversos autores destacaram a importância dessas entrevistas iniciais na construção da relação analítica e na formulação do plano terapêutico.

4.1 O INÍCIO DA ANÁLISE

De acordo com Quinet (2007), Freud em "O início do tratamento", relata a prática habitual de o que ele define como tratamento de ensaio, que seria um tratamento psicanalítico de uma a duas semanas antes do início da análise propriamente dita. Isto serviria, segundo ele, para evitar a interrupção da análise após um certo tempo. Nesse mesmo texto, Freud (1913/1996) anuncia que a primeira meta da análise é a de ligar o paciente ao seu tratamento e à pessoa do analista, sendo mais explícito em relação a pelo menos uma função desse tratamento de ensaio: a do

estabelecimento do diagnóstico e, em particular, a do diagnóstico diferencial entre neurose e psicose. O diagnóstico só tem sentido se servir de orientação para a condução da análise.

Em seus registros sobre o início do tratamento psicanalítico, Freud (1913/1996) adverte: “Este experimento preliminar, contudo, é, ele próprio, o início de uma psicanálise e deve conformar-se às regras desta” (Freud, 1913/1996b, p.165). Momento em que Lacan (1955-56/1998), em seu retorno a Freud, vai denominar de entrevistas preliminares estabelecendo em posição de condição absoluta: “não há entrada em análise sem as entrevistas preliminares” (Lacan, 1955-56/1998, s/p).

Para Cumiotto (2007), a clínica psicanalítica parte da escuta do sujeito do inconsciente, contudo, uma condição se faz necessária para possibilitar esse trabalho: a instauração da transferência. Admite-se então que a função das entrevistas preliminares seja essa. Segundo Quinet (2007), as entrevistas preliminares têm outras duas funções, como o desdobramento da queixa em demanda de análise e a função diagnóstica estrutural que visa identificar a estrutura do paciente: neurose, psicose ou perversão. O paciente só é convidado a deitar-se no divã se essas três funções forem estabelecidas. Em síntese, pode-se dividir em três as funções das entrevistas preliminares, cuja distribuição é antes lógica do que cronológica: a Função Sintomal (sinto-mal); a Função Diagnóstica; a Função Transferencial.

Como aponta Melman (2003), as entrevistas preliminares intentam situar o relato do sujeito em três dimensões: o Real, o Imaginário e o Simbólico, onde o paciente possa relatar como ele mesmo situa sua posição em relação à dimensão simbólica. Admitindo que há muitas interpretações imaginárias desse relato biográfico.

Cumiotto (2007) afirma que o analista se situa como analista na primeira entrevista, lugar este que ele se reconhece a partir de sua análise pessoal, supervisão, formação, teoria e experiência com outros pacientes, e é deste lugar que esse analista escutará esse desconhecido que vai pela primeira vez à sua análise.

Como já mencionado na introdução deste trabalho: “No começo da psicanálise é a transferência” (Lacan, 1967), embasando na mesma obra o sujeito suposto saber “O sujeito suposto saber é, para nós, o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece com a transferência.” (Lacan, 1967). O sujeito surge sob transferência, indicando a entrada em análise, e esse sujeito é vinculado ao saber.

Para Cumiotto (2007) através de sua leitura sobre Lacan, a transferência é uma condição necessária para que o trabalho de psicanálise seja possível. Transferência em relação ao grande Outro que nos fundou e nos alienou como condição para a humanização. Lacan (1999) afirma que onde há sujeito suposto saber há transferência. Entretanto, para que essa transferência seja encarnada no analista, há um trabalho a ser realizado, sendo essa a função das Entrevistas Preliminares.

Segundo Santos (1994), a transferência é a condição que dá lugar ao profissional como analista dessa pessoa em trabalho de análise. Relação muito especial que edifica todo o processo. O que assegura a análise é a posição simbólica que o analista assume no trajeto de uma análise. Posição essa que Lacan (1971-72/2009) nomeia de *Semblante*, onde o analista simulará ser esse sujeito suposto saber, constituído pelo seu analisante, fazendo um semblante de Deus Pai, como propõe Lacan. Contudo, assumir essa posição é um equívoco, pois transforma a análise em uma teoria ou teologia que exclui a falta. (Carneiro; Pena & Cardoso, 2016)

Emprestar-se a ser semblante, significa emprestar-se a ser subjetivamente o Objeto a, aquele que causa desejo, pois o amor de transferência quer saber. Quinet (2012) retornando ao Seminário 20 de Lacan diz que o objeto a, mais, ainda, é antes um “*semblant d’être*” – simulação, semblante do ser. Por mais outro que seja o objeto a em sua radicalidade de alteridade, é onde se “pendura” o ser de simulação. O objeto a é o mais-de-gozar que, em cada discurso, tem uma significação. É o objeto precioso e agalmático do analista, trata-se do objeto que causa o desejo, objeto da fantasia cujo semblante é sustentado pelo analista. Fica evidenciado que, na análise, o analista não está como sujeito, e sim como objeto.

Na perspectiva lacaniana, a performance pode ser aproximada da noção de semblante, que joga com a relação entre essência e aparência ao manifestar uma aparência que abole a essência, ao revelar “o truque na sua própria aparição” (DUNKER, 2008, p. 10).

O analista dispõe do seu desejo de analisar, do querer saber do paciente, de sua possibilidade de escutar o discurso do paciente. Elementos que são referências para o estabelecimento da transferência. “Um laço que permite ao inconsciente entrar em cena – o inconsciente do sujeito que pela transferência aparece, ora na boca do paciente, ora na do analista.” (Cumiotto, 2007, p.23).

Ainda segundo Santos (1994), a transferência positiva é um fenômeno que facilita o processo analítico. O paciente faz-se mais suscetível à influência do analista

ao nutrir por este um sentimento, que o faz baixar as resistências e associar livremente. A transferência constitui um fenômeno presente desde o início do tratamento. De início, manifesta-se um deslocamento de sentimentos amistosos em relação ao analista, revelando o progresso analítico.

A transferência negativa, por outro lado, pode apresentar desafios no processo analítico. Segundo Green (1990), a transferência negativa envolve a projeção de sentimentos hostis, agressivos ou destrutivos em relação ao analista. Esses sentimentos podem surgir como resistências à exploração do inconsciente e ao enfrentamento de questões difíceis. No entanto, a transferência negativa não deve ser vista como um obstáculo, mas sim como um aspecto essencial da análise, pois revela os conflitos e os padrões disfuncionais presentes na vida do paciente. Ao trabalhar de forma cuidadosa e atenta com a transferência negativa, o analista tem a oportunidade de desvendar as raízes desses sentimentos e auxiliar o paciente em sua jornada de autotransformação (Green, 1990, p. 71).

Além disso, é importante destacar que a transferência não se restringe apenas à relação entre paciente e analista. Ela pode se manifestar em diversos aspectos da vida do indivíduo, como nas relações interpessoais cotidianas. Nas palavras de Freud (1912/2013), "a transferência não é uma invenção do médico, mas um fenômeno que se pode observar todos os dias e que sempre foi uma preocupação para o homem" (p. 135). Essa perspectiva amplia o entendimento da transferência como um fenômeno complexo e universal, que influencia as interações humanas de maneiras sutis e profundas.

A transferência, como destacada por Lacan e discutida por Cumiotto, Santos e Green, desempenha um papel fundamental no processo analítico. É através da transferência que o sujeito suposto saber emerge, estabelecendo um vínculo com o terapeuta e permitindo a entrada na análise. A transferência é uma condição necessária para o trabalho de psicanálise e é através da associação livre que ocorre mais significativamente o processo analítico, quando o paciente permite-se expressar-se sem restrições. Assim, a transferência e a associação livre se entrelaçam, permitindo que o sujeito explore seu inconsciente, possibilitando o trabalho analítico.

A formulação da regra da associação livre vem do pedido de Frau Emmy von N., quando esta pede para Freud calar-se: "Disse-me, então, num claro tom de queixa, que eu não devia continuar a perguntar de onde provinha isso ou aquilo, mas que a deixasse contar o que tinha a dizer-me" (Freud, 1975 *apud* Quinet, 2007, p. 9).

“Essa ‘liberdade’ acentua-se no caso de não ser fornecido qualquer ponto de partida. É nesse sentido que se fala de regra de associação livre como sinônimo de regra fundamental” (Laplanche, Pontalis, 2004 *apud* Carvalho, Honda, 2017). Para Carvalho e Honda (2017), é necessária a fala livre do paciente a fim de revelar seus conteúdos psíquicos através das palavras, manifestando ao analista sua cadeia associativa, partindo do pressuposto de que toda palavra esteja relacionada à outra, portanto se faz possível seguir o curso dessas associações.

Em síntese, quanto a importância da Associação Livre:

Falar de modo livre, sem censuras e obstáculos, portanto, é apresentado como a condição terapêutica para quem é analisado. É desse modo que os procedimentos terapêuticos propostos por Freud sobrevivem, os quais subentendem que habita no homem a sua própria cura. (Carvalho, Honda, 2017, p.48-51)

Além de permitir a livre expressão do paciente, a associação livre também desempenha um papel na facilitação da catarse, um processo terapêutico de liberação emocional e alívio de tensões. Através da fala livre e desinibida, o paciente pode reviver e expressar afetos reprimidos e traumas passados, promovendo uma descarga emocional que pode ser terapeuticamente benéfica (Breuer, Freud, 1893-95/1977). É importante ressaltar que durante esse processo, mecanismos de defesa podem ser ativados para proteger o Eu do paciente de conteúdos dolorosos ou ameaçadores. Freud (1926/1996) enfatiza que a associação livre permite que esses mecanismos de defesa sejam relaxados gradualmente, possibilitando um acesso mais profundo ao material inconsciente e facilitando a elaboração dos conflitos psíquicos. Portanto, a associação livre, juntamente com a catarse e a compreensão dos mecanismos de defesa, desempenha um papel fundamental no processo terapêutico e na busca pelo bem-estar psíquico (Freud, 1895; Freud, 1926; Carvalho, Honda, 2017).

Por definição do dicionário (Houaiss: 2001): "Etimologicamente a palavra vem do grego – *kátharsis* – significando purificação, purgação, mênstruo, alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral". Segundo Almeida (2010), catarse para psicologia refere-se à liberação de emoções, sentimentos e tensões reprimidas, por meio de recursos análogos à ab-reação (reação para fora/pôr para fora). Já para a psicanálise, equivale a ação de trazer à consciência memórias recalçadas no inconsciente, desvencilhando o analisando de sintomas psiconeuróticos associados a esse bloqueio.

“A concepção da locução catarse de ab-reação encontra-se no texto de Freud ‘O mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos – 1893’, onde ele estudou

a gênese da doença histérica, chamando esse tipo de acontecimento de 'catarse de Breuer'." (ALMEIDA, 2010, s/p).

Nas palavras de Freud (1986), quanto à natureza da catarse:

"As palavras são o instrumento essencial do tratamento psíquico. Um leigo achará certamente que é difícil compreender como as perturbações patológicas do corpo e da alma podem ser eliminadas por meio de simples palavras (faladas, lidas e ouvidas). Terá a impressão de que lhe pedem para acreditar em magia. E, aliás, não andarão muito longe da verdade, porque as palavras que utilizamos na nossa linguagem de todos os dias não são mais do que magia disfarçada". (FREUD, 1986 APUD ALMEIDA, 2010, s/p).

Ainda segundo Almeida (2010), Freud (1986) ao discutir a análise do "discurso cartático", propôs ao recalcado a expressão numa fala livre, ampla e coerente, partindo do pressuposto de que o analisando busca uma solução na própria contradição, e de que o analista possa escutá-lo com profundidade.

De acordo com Campos (2019), em 1894 surge pela primeira vez o conceito de mecanismos de defesa em psicologia no trabalho de Freud, denominado "As Psiconeuroses de Defesa", onde é descrito a luta do Ego contra os afetos dolorosos não suportados pelo sujeito.

Sobre a ação dos mecanismos de defesa, tem-se que:

A percepção de um acontecimento, do mundo externo ou do mundo interno, pode ser algo muito constrangedor, doloroso, desorganizador. Para evitar esse desconforto, a pessoa "deforma" ou suprime a realidade – deixa de registrar percepções externas, afasta determinados conteúdos psíquicos, interfere no pensamento. (Bock; Furtado & Teixeira, 1999/2001, p.78)

Ainda segundo Bock et al. (1999/2001), são vários os mecanismos que o indivíduo utiliza para realizar essa deformação da realidade. Os Mecanismos de Defesa são processos inconscientes realizados pelo Ego, independentemente da vontade do indivíduo. Para Freud (1900), defesa é a operação pela qual o ego exclui da consciência os conteúdos indesejáveis, protegendo dessa forma o aparelho psíquico. Esses mecanismos são: Recalque, Formação Reativa, Regressão, Projeção, Racionalização, Denegação, Identificação, Isolamento, Anulação Retroativa, Inversão, Retorno Sobre Si Mesmo.

5. A PSICANÁLISE NA CLÍNICA ESCOLA

Cumiotto (2007, p.17-18) retorna à origem da clínica, onde essa significava "leito, instrução médica dada ao lado do doente, podendo ainda significar inclinar-se sobre"

Quanto a sua atual implicação, admite-se que:

Nesse contexto, clinicar implica inclinar-se sobre o sujeito, investigar e inventar esse espaço da clínica como um modo de operar, seja no consultório ou em instituições. (Cumiotto, 2007, p.17-18)

Segundo Cumiotto (2007), Foucault (1998) localizou o nascimento da clínica entre os séculos XVIII ao XX. Apesar de a clínica médica existir anterior a essa data, Foucault ressalta que é somente nessa travessia que a clínica passa a ser envolvida por um discurso de base científica, dando destaque à "clínica do olhar", à visibilidade, e à linguagem na relação com o paciente como uma variável importante do tratamento, representando mudanças expressivas para o modo de pensar a clínica. Já no final do século XIX, com a publicação da clínica com a histeria por Freud (1895), houve uma contribuição significativa para mudanças principalmente no que tange à clínica do psiquismo, esta que elucida a importância da escuta do discurso do sujeito. A clínica psicanalítica parte, então, da escuta do sujeito do inconsciente, do sujeito como decorrência do discurso do Outro. Atualmente, na clínica psicanalítica, as demandas circulam entre o pedido de felicidade e o de anestesiamento: Acabe com o sofrimento que me acomete.

Na clínica escola de psicologia, nos deparamos com desafios que, de certa forma, ecoam aqueles encontrados na psicoterapia psicanalítica em consultórios privados. Entretanto, é inegável que há diferenças substanciais. A literatura psicanalítica nos oferece uma visão que distingue claramente a psicanálise clássica do modelo proposto pela IPA (Associação Psicanalítica Internacional), no caso a psicoterapia psicanalítica, considerando não apenas seus objetivos, mas também as técnicas que guiam o processo terapêutico e dentro dessa perspectiva, a técnica emerge como um elemento distintivo no modo de intervenção, embora ambas compartilhem os alicerces teóricos que abrangem conceitos cruciais, tais como o inconsciente, as pulsões, o conflito, os mecanismos de defesa, e a organização estrutural e topográfica do aparelho psíquico (Eizirick, 2005; Kernberg, 2003; Zimerman, 2004).

Para além das complexidades inerentes às influências culturais, emergem as particularidades da prática clínica psicanalítica, notadamente quando inserida no

contexto da clínica escola. Birman (1994) adverte que a experiência psicanalítica pode assumir uma gama variada de abordagens, contanto que sejam reconhecidas as condições epistemológicas e éticas fundamentais para a construção do espaço analítico. Esse espaço se caracteriza por ser centrado na palavra, na escuta, e moldado pela influência da transferência. Birman (1994) ressalta, ainda, que a diversidade na prática clínica não se justifica apenas pela pluralidade das formas de funcionamento psíquico que se apresentam ao processo de escuta analítica, mas também pela multiplicidade de contextos nos quais a experiência psicanalítica é possível.

A viabilidade da prática da clínica psicanalítica em um ambiente de clínica-escola representa uma questão crucial para estudantes de Psicologia em estágio. Aqueles que optam por trilhar o caminho da Psicanálise encontram-se diante da tarefa de conciliar teorias complexas com as demandas práticas apresentadas por seus primeiros pacientes. Isso implica enfrentar os desafios inerentes a essa nova posição, que levanta considerações relacionadas à análise pessoal e à supervisão acadêmica.

Freud (1912/1976) aborda de maneira precisa e didática várias questões que confrontam os médicos no início de suas jornadas na Psicanálise. Ele enfatiza aspectos técnicos e éticos relacionados ao cenário clínico, a postura do analista e as intervenções. Freud (1912/1976) não apenas lança luz sobre os desafios iniciais da prática clínica, mas também instiga a considerar a adaptação da abordagem clínica em contextos institucionais, onde as dinâmicas podem diferir da tradicional cena clínica. Essas provocativas reflexões freudianas servem como um ponto de partida para a exploração da clínica-escola como um ambiente institucional propício para pesquisa, reflexão e escuta, onde os estudantes de Psicologia podem iniciar e experimentar a prática clínica sob a perspectiva da Psicanálise, dentro do contexto universitário.

Figueiredo (1997) destaca que os contextos institucionais não devem ser vistos como obstáculos intransponíveis para o processo terapêutico. Em instituições, onde as preocupações financeiras relacionadas ao pagamento das sessões não se aplicam, as regras sobre a duração das sessões e a gestão de faltas às vezes desempenham o papel de estabelecer um compromisso mais profundo por parte do paciente com o processo terapêutico. A complexidade da gestão do tempo na realidade institucional emerge como uma questão significativa para a Psicanálise, conforme observa a

autora. Ela enfatiza a necessidade de considerar a dimensão psíquica que transcende a estrutura institucional, reconhecendo-a como um elemento central a ser explorado.

Na clínica-escola, emerge um ambiente propício para a realização de atendimentos psicológicos, caracterizado pela presença de elementos fundamentais, como espaços adequados, horários reservados para os pacientes e estagiários prontos para oferecer apoio. Essa configuração institucional, antes de tudo, se revela como um convite genuíno para que os pacientes compartilhem seus sofrimentos com um interlocutor que se compromete integralmente com a tarefa de escuta. O que se desencadeia a partir desse momento transcende o mero contexto físico, desdobrando-se na dinâmica da transferência, que se manifesta nesse encontro e dá origem a algo mais profundo. É por meio do estabelecimento de um vínculo sólido entre o indivíduo, sua angústia e a comunicação de suas inquietações a alguém dedicado à escuta ativa que a Psicanálise encontra um solo fértil para crescer e se desenvolver.

Tanto na teoria quanto na prática, fica evidente que a clínica é um espaço de pesquisa e reflexão, além de representar um ponto de interseção crucial entre a universidade e a comunidade. Isso ressalta a interdependência da universidade com a sociedade, demonstrando que a universidade não é uma entidade autônoma, mas existe em relação direta com a comunidade e a sociedade em geral. Portanto, a clínica-escola não se limita apenas à formação do aluno, uma vez que isso a restringiria ao âmbito do processo acadêmico. Como observou Marcos (2011), a clínica não é determinada pelo processo de ensino, mas sim pela atenção à saúde mental e ao cuidado com o sofrimento psíquico. Nesse sentido, o atendimento à comunidade desempenha um papel formador fundamental. A clínica escola, portanto, é um ambiente de formação pela prática, onde o aprendizado acontece por meio da vivência, promovendo oportunidades para o aluno se desenvolver dentro de um espaço que envolve supervisão, discussão e construção de casos clínicos.

Kessler e Ortmann (2012) e Rosa (2001) levantam questões importantes sobre a transmissão da Psicanálise a alunos que ainda não passaram por um processo analítico, questionando, assim, se é possível verdadeiramente escutar o inconsciente do outro sem antes ter se familiarizado com a escuta do próprio inconsciente. Frente a esse desafio, Marcos (2011) oferece uma perspectiva alternativa. É notável que, durante a introdução à prática clínica, os alunos frequentemente se deparam com a questão de sua própria análise, ultrapassando assim as fronteiras da academia. Nesse momento delicado em que os estudantes se envolvem na tarefa de decifrar o

que não é dito, surge a necessidade de considerar a própria análise. O contato com a clínica no ambiente universitário pode, a partir dessa relação peculiar com o conhecimento exigido por essa experiência, despertar um desejo de aprofundamento.

A prática da Psicanálise implica uma reconfiguração do relacionamento com o conhecimento diante do sujeito, já que, como Marcos (2011) destaca, "é ao renunciar ao desejo de ser o mestre, aquele que possui a resposta que falta, que a análise pode acontecer" (p. 210). Portanto, a construção do estágio, a partir da abordagem psicanalítica, requer uma mudança na postura em relação ao conhecimento estabelecido na universidade e abre espaço para uma evolução do estudante, permitindo que ele transcenda a posição de mero receptor de um conhecimento pré-determinado, adentrando uma esfera de construção de saber a partir das demandas do outro.

No contexto da escuta psicanalítica na clínica-escola, conforme indicado por Angeli (2022, p. 6), destaca-se a observação da transferência já existente por parte da paciente. "Existe uma transferência institucional, ela já está comentando algo, já entende como as coisas funcionam. Veio de outra universidade." Existe um conhecimento presumido sobre o modo de operação da clínica-escola, manifestado por meio da transferência com o *modus operandi* da instituição.

A partir das entrevistas preliminares, que se concentram na singularização da transferência com o acadêmico-estagiário, ou seja, na transição do vínculo transferencial da instituição para a figura do acadêmico-estagiário, conforme destacado por Freud (1912/1996), é necessário conectar o paciente à figura do analista. No caso da clínica-escola, há uma transferência inicial com a instituição que precisa ser redirecionada para o acadêmico-estagiário. O primeiro movimento e papel do acadêmico-estagiário consistem em provocar uma mudança no vínculo transferencial, apresentando-se como uma possibilidade de escuta para a história e as questões do paciente. Contudo, a instituição continua a fazer parte dessa transferência, uma vez que os recessos acadêmicos, a organização da agenda da clínica-escola e até mesmo a substituição do acadêmico-estagiário devido à finalização de seu estágio podem ocorrer como resultado da transferência que o sujeito mantém com a instituição. Em outras palavras, a relação transferencial que o paciente estabelece com a clínica-escola impacta a continuidade dos atendimentos. (Angeli, 2022)

Nesse contexto, conforme indicado por Angeli e Souza (2022), a supervisão de estágio é considerada uma oportunidade para a transmissão da Psicanálise na universidade, desempenhando um papel central na construção de uma prática e na escuta psicanalítica. Na clínica-escola, a supervisão de estágio cria um espaço propício para reflexão e envolvimento, no qual supervisor, acadêmico-estagiário e paciente se entrelaçam em um processo de criação, sustentação do mistério e escuta do singular. Assim, a supervisão tem como objetivo fomentar e manter os mistérios oriundos da escuta e da elaboração de uma narrativa, de um caso clínico, e de conhecimentos singulares influenciados pela dinâmica que a transferência pode gerar na relação entre paciente, acadêmico-estagiário e supervisor. É crucial que o conhecimento teórico não sobreponha o saber singular, uma vez que a escuta do inconsciente é fundamental.

De acordo com Marcos (2011), a supervisão desempenha um papel fundamental ao permitir que o aluno se envolva ativamente na construção de seu conhecimento. Tanto o aluno quanto o supervisor são incentivados a se dedicarem à pesquisa durante esse processo. A autora ainda argumenta que, ao trabalhar com a supervisão, em vez de simplesmente aplicar um aspecto teórico para categorizar o que é observado na prática clínica, é possível promover a produção de conhecimento a partir daquele que recolhe as experiências clínicas. Dessa forma, a supervisão abre espaço para a possibilidade de uma prática que conduz à produção de conhecimento, reconhecendo a singularidade das experiências clínicas como um recurso valioso para a construção de saber.

As reflexões aqui apresentadas destacam a clínica-escola como um local fundamental na relação entre Psicanálise e Universidade, pois permite a transmissão por meio da adoção de uma nova postura pelo estudante em relação ao saber. Nesse contexto, emerge um espaço de experiência que ocupa uma posição ambígua, não estritamente dentro da sala de aula, mas também não completamente distante dela. Nesse ambiente, os participantes não assumem estritamente a posição de profissionais, mas também não se eximem da responsabilidade de agir como tal. A clínica escola ora depara-se com a liberdade da psicanálise, ora com as restrições normativas da instituição. Assim, fica claro que possuir um conhecimento prévio sobre a Psicanálise não é suficiente; é imperativo empenhar-se numa jornada em direção a ela, buscando encontrá-la e por seu intermédio, construir um saber.

Partindo da ideia de que a transferência pode fluir através de diversos meios, a prática da psicanálise poderia se adaptar, resistir às angústias e incertezas ao se explorar em uma variedade de abordagens e modelos alternativos. Nesse contexto, adota-se uma perspectiva que não se prende à rigidez de um único modelo absoluto de transmissão, permitindo que a psicanálise se mova e evolua em consonância com diferentes contextos e necessidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer a trajetória da psicanálise na clínica escola de psicologia, a pesquisa proporcionou uma análise aprofundada das dinâmicas que permeiam esse cenário singular. A reflexão sobre a origem da clínica, indo além da mera instrução médica, destacou a necessidade de "inclinarmos sobre" o sujeito, investigando e criando um espaço clínico que transcende os limites do consultório para se manifestar também nas clínicas-escolas.

A inserção da psicanálise na clínica-escola revelou desafios distintos, ecoando, em parte, as demandas da psicoterapia psicanalítica em consultórios privados. A complexidade das práticas clínicas psicanalíticas, permeada por influências culturais e particulares, destaca-se, especialmente quando consideramos a diversidade de contextos nos quais a experiência psicanalítica é possível.

Os achados confirmam parcialmente as hipóteses formuladas na introdução, destacando a necessidade de considerar as condições epistemológicas e éticas na construção do espaço analítico na clínica-escola. Problemas secundários, como a gestão do tempo na realidade institucional, também emergiram como áreas de atenção.

Ao ponderar sobre a transmissão da psicanálise, conforme levantado por Kessler e Ortmann (2012) e Rosa (2001), questiona-se se é possível verdadeiramente escutar o inconsciente do outro sem antes ter se familiarizado com a escuta do próprio inconsciente. Essa interrogação ressoa na formação dos alunos-estagiários na clínica-escola, sugerindo a necessidade de uma cuidadosa consideração sobre o processo analítico pessoal como parte integrante do desenvolvimento clínico em estágio.

Diante desses resultados, recomenda-se que futuras pesquisas explorem mais profundamente a transferência psicanalítica na clínica-escola e investiguem de forma

mais abrangente como as práticas clínicas psicanalíticas podem ser adaptadas e enriquecidas nesse contexto específico.

Em síntese, a pesquisa não apenas lança luz sobre a integração da psicanálise na clínica-escola, mas também aponta para um campo de possibilidades para estudos futuros. Ao considerar os desafios identificados e construir sobre as bases estabelecidas, os pesquisadores e profissionais podem contribuir significativamente para a evolução contínua dessa interseção crucial entre teoria, prática e formação acadêmica em psicologia.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, J. **Amor Lacan**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

ALMEIDA, WILSON CASTELLO DE. **Além da catarse, além da integração, a catarse de integração**. Revista brasileira de psicodrama, São Paulo , v. 18, n. 2, p. 97-106, 2010 .

ANGELI, GUSTAVO. **Supervisão e a Escuta Psicanalítica na Clínica-Escola: A experiência clínica de acadêmicos-estagiários**. 2022. 196 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

ANGELI, GUSTAVO; SOUZA, MÉRITI DE. **Supervisão de estágio na clínica-escola: leituras sobre a escuta psicanalítica**. Rev. Subj., Fortaleza , v. 22, n. 1, p. 1-10, abr. 2022 .

BREUER, J. & FREUD, S. **“Estudos sobre a Histeria”**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, 1977. Vol. 2. (Originalmente publicado em 1893-1895).

BIRMAN, J. **A direção da pesquisa psicanalítica**. In: Psicanálise, ciência e cultura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 13-27.

BOCK, ANA MERCÊS BAHIA; FURTADO, ODAIR; TEIXEIRA, MARIA DE LOURDES TRASSI. **A evolução da ciência psicológica: psicologia e história**. In:__. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999. cap. 2, p. 31-43.

CAMPOS, R. T. O. **Mecanismos de defesa: revisão crítica de um conceito chave em psicologia**. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, v. 19, n. 1, p. 86-95, 2019.

CARNEIRO, Anna Barbara de Freitas; PENA, Breno Ferreira; CARDOSO, Ione Maria. **Entrevistas preliminares: marcos orientadores do tratamento psicanalítico.**

Reverso, Belo Horizonte , v. 38, n. 71, p. 27-36, jun. 2016 .

CARVALHO, VITOR ORQUIZA; HONDA, HELIO. **Fundamentos da associação livre: uma valorização da técnica da psicanálise.** Analytica, São João del Rei , v. 6, n. 10, p. 46-56, jun. 2017 .

CORREA, ALEXANDRE FERNANDES. **O ódio em três textos de Freud: reflexões sobre ambiguidade, hostilidade e identificação.** Reverso, Belo Horizonte , v. 41, n. 77, p. 23-30, jun. 2019 .

CUMIOTTO, CARLA. **As entrevistas preliminares e a clínica psicanalítica.** In: BACKES, C. (org.) A clínica psicanalítica na contemporaneidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

DUNKER, C. **Véu, semblante e mascarada: o teatro histérico e o cinema feminino [prefácio].** In: RODRIGUES, A. L. Pedro Almodóvar e a feminilidade São Paulo: Escuta, 2008.

EIZIRICK, C. **Psicoterapia de Orientação Analítica.** Porto Alegre, Artmed, 2005.

FERENCZI, S. **A elasticidade da técnica psicanalítica.** In: Ferenczi, S. Obras Completas (Vol. 3, pp. 77-88). Casa do Psicólogo, 2011. (Trabalho original publicado em 1933).

FERREIRA, N. P. **A Teoria do Amor.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Psicanálise Passo-a-Passo, v. 38).

FIGUEIREDO, A. C. **Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público.** Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 1997.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos.** Vol. IV Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1900).

FREUD, S. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise.** In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Originalmente publicado em 1912)

FREUD, S. **Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913).** In: ___. O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 139-158. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. **Totem e Tabu.** In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 11-125. (Originalmente publicado em 1913)

FREUD, S. **Observações sobre o amor transferencial.** In S. Freud, Obras Completas (Vol. 12, pp. 133-140). Companhia das Letras, 2013. (Trabalho original publicado em 1912)

FREUD, S. **Inibição, sintoma e angústia.** Obras completas, ESB, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, (1925-1926/1996).

FREUD, S. **O Mal-estar na Civilização.** Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.21, 1930).

GREEN, A. **Sobre a teoria e a prática da técnica psicanalítica.** São Paulo: Escuta, 1990.

JORGE, M.A.C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais.** 5ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KERNBERG, O. **Psicanálise, psicoterapia psicanalítica e psicoterapia de apoio: controvérsias contemporâneas.** In: GREEN, A. (Org.). Psicanálise Contemporânea. São Paulo: Imago; 2003. p. 23-50.

KESSLER, C. H., & ORTMANN, E. S. **Psicanálise e Universidade: considerações a partir de uma experiência de prática em clínica na Universidade.** Cadernos de Psicanálise (Rio de Janeiro), v. 34, n. 27, p. 141-151, 2012.

LACAN, J. **De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses (1955-1956).** In: __ Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 537-590. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. **Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola.** In J. Lacan. Outros escritos (Vera Ribeiro, Trad.) (pp. 249-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. **Intervenção sobre a transferência.** In J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1952).

LACAN, J. **O seminário. Livro 18. De um discurso que não fosse semblante.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2009. (Originalmente publicado em 1971-1972).

LACAN, J. **O seminário. Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

LACAN, J. **Seminário 8: A transferência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MARCOS, C. M. **Reflexões sobre a clínica-escola, a psicanálise e sua transmissão.** Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 205-220, 2011.

MELMAN, CHARLES. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio.** Porto Alegre: CMC, 2003.

QUINET, A. **As 4 + 1 Condições da Análise.** 11^a Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

ROSA, M. D. **Psicanálise na Universidade: considerações sobre o ensino de Psicanálise nos cursos de Psicologia**. Psicologia USP, v. 12, n. 2, p. 189-199, 2001.

SANTOS, MANOEL ANTÔNIO DOS. **A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana**. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 2, n. 2, p. 13- 27, ago. 1994.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente suficientemente bom**. In D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação (pp. 7-21). Artmed, 2019. (Trabalho original publicado em 1965).

ZALCBERG, M. **Amor Paixão Feminina**. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de Técnica Psicanalítica: uma revisão**. Porto Alegre: Artmed, 2004.